

[ ELOISE TORRES AMADO ]

Graduada em arquitetura pela FAU-USP com doutorado pelo Centre de Recherches d'Architecture de Terre (Cratere), em Grenoble, França. Arquiteta no escritório Amado & Marcondes Arquitetos Associados. Membro fundador e conselheira do Green Building Council Brasil. Membro fundador do Conselho Brasileiro de Construção Sustentável (CBCS). Integrou a equipe liderada pela Fundação Roberto Marinho na realização do Museu do Futebol.

E-mail: [eloise.amado@gmail.com](mailto:eloise.amado@gmail.com)

## Um museu para o futebol

[ 12 ]

Em algum momento o futebol entra no cotidiano das pessoas, independentemente de elas praticarem ou não o esporte. Está presente nas conversas de todo dia, na publicidade, na moda, na literatura, na música. O futebol também é paixão, é "religião", é a identidade de um povo. Foi tudo isso que motivou a criação do Museu do Futebol em São Paulo.

O caminho percorrido até a entrega de um dos museus mais visitados do País foi longo, com muitas incertezas e imprevistos, mas o aprendizado decorrente dessa experiência compensou largamente todas as dificuldades enfrentadas. Uma equipe formada por profissionais de áreas diversas vivenciou passo a passo cada um dos desafios que foram surgindo e, com a mesma paixão de um torcedor de futebol, enfrentou as adversidades que ao final se traduziram em conquistas.

A primeira conquista foi a escolha do local. Após várias tentativas, descobriu-se que o maior símbolo do futebol na cidade e um marco histórico para o País, o Estádio do Pacaembu, tinha áreas ociosas que poderiam ser ocupadas pelo museu.

O estádio, inaugurado em 1940 pelo então presidente da República, Getúlio Vargas, foi concebido, na verdade, como um complexo socioesportivo-cultural.

A concha acústica, construída na extremidade do campo, serviu de palco para grandes espetáculos. Já estava no DNA do estádio a vocação cultural inerente ao museu.

A implantação excepcional do estádio, encaixado perfeitamente no relevo natural formado pelas encostas do córrego do Pacaembu, propiciou uma solução estrutural simples para a maior parte da arquibancada que foi apoiada diretamente sobre o solo, ficando apenas o fechamento da Praça Charles Miller para ser edificado com uma estrutura mais complexa de concreto armado.

O projeto desse edifício, construído para sustentar a arquibancada em forma de semiferradura, que dá as costas para a praça, resultou em quase 7 mil m<sup>2</sup> de área interna, distribuída em três lajes e um piso térreo, os quais foram destinados a abrigar vestiários, alojamento de atletas, administração e outras áreas de apoio.

Em 1970, com a demolição da concha acústica e, em seu lugar, a construção de uma nova arquibancada, o chamado "Tobogã", ocorreu um processo semelhante, em que os vazios sob a estrutura serviram para abrigar vestiários, salas de treino etc., tornando as antigas dependências obsoletas.



Cortesia Fundação Roberto Marinho



Muito pouco se conhecia sobre as reais condições da antiga área de apoio, uma vez que esta se apresentava toda compartimentada e com forros e fechamentos que impediam a visão global do espaço. Já se sabia, no entanto, que ela era nobre demais para a subutilização a que se destinava. A sua utilização marcou a primeira realização da equipe.

A segunda conquista teve um caráter urbanístico. O edifício, originalmente fechado para o exterior por abrigar usos que exigiam esse tipo de proteção visual, como é o caso dos vestiários, pôde se abrir para a praça, através da remoção de praticamente todo o fechamento de alvenaria do térreo e a instalação de uma grande caixilharia de vidro transparente, integrando-se definitivamente com a cidade. A galeria formada pela colunata da fachada do edifício tornou-se a área de transição entre o interior e o exterior, sem marcar limites rígidos. Desse modo, a praça externa liga-se sutilmente à praça interna, promovendo uma interação entre a cidade e o museu.

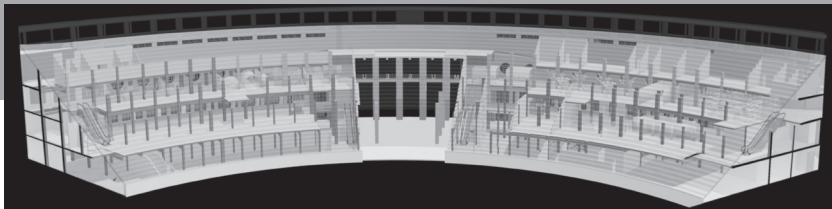
Esse espírito de edifício-cidade deu origem também às soluções internas, sejam da arquitetura, sejam da museografia. Os elementos de suporte da expografia têm um design que muito se aproxima do mobiliário urbano, assim como a arquitetura utiliza materiais e instalações aparentes, presentes nos espaços urbanos.

A terceira conquista foi a própria ocupação do espaço interno. A forma peculiar desse edifício, cujo fechamento para o estádio é parede e ao mesmo tempo cobertura, levou a um exercício contínuo e criativo da equipe, em busca de soluções adequadas, passando pelo "aprendizado" gradativo do espaço e desenvolvimento de uma forma diferente de "pensar" as resoluções para esse espaço. Aqui, vale lembrar que a visão da planta do edifício não traduz sua espacialidade, logo, significa que soluções técnicas convencionais, feitas para obras convencionais, não seriam adequadas. Assim, para se chegar ao resultado pretendido, foi essencial o fato de a equipe "habitar" a obra. Apesar de todos os inconvenientes e desconfortos decorrentes dessa convivência tão intensa, ela se mostrou fundamental.

Um dos exemplos desse domínio do espaço é a instalação chamada "exaltação", na qual o vazio estrutural do limite entre as áreas de laje e as arquibancadas sobre o terreno serve de palco para o espetáculo das torcidas. Não existiria melhor cenário do que esse, descoberto em meio à obra.

Criar um museu, no nosso modo de entender, é organizar as referências culturais para informar a sociedade. Esse "informar" não pode ter o caráter meramente educativo: ele tem que vir carregado de emoção e prazer, como tem que ser qualquer atividade cultural.

Quando o objeto dessa "informação" é o futebol, paixão dos brasileiros, a emoção é inerente à história a ser contada. Os recursos tecnológicos e de mídia de que dispomos atualmente são extremamente apropriados para atingir esse objetivo. Eles propiciam, além de tudo, maior interação do visitante. Foi assim que a escolha por um acervo virtual e visual determinou a vocação desse museu. Cada instalação do Museu do Futebol diferencia-se das demais, e a forma de exposição foi adaptada ao conteúdo específico, criando surpresas a cada trecho percorrido na visita, transformando essa atividade em lazer.



Cortesia Fundação Roberto Marinho

[ 14 ]

A organização do fluxo de visitação possibilita um percurso que contempla todas as áreas ocupadas com as instalações, assim o visitante pode escolher onde se deter mais ou menos tempo.

A museografia se faz presente desde o momento em que o visitante adentra o museu, com o grande saguão de acolhimento forrado com as imagens dos objetos do torcedor, até a saída, com as imagens e os documentos da construção do estádio que abriga o museu.

Durante a visitação, os eventos históricos são apresentados juntamente com outros eventos sociais, políticos e culturais da época; os "heróis" desses eventos esportivos aparecem lado a lado com as personalidades que se destacaram em outras atividades, especialmente as culturais como a música, a literatura, a arquitetura e as artes plásticas. Os "coadjuvantes" não foram esquecidos, como também não foi esquecida uma grande derrota. As curiosidades no estilo "almanaque" estão presentes, além de uma infinidade de jogos interativos.

A interatividade levou-nos à quarta conquista da equipe. Aqui, a preocupação de construir um museu que fosse de fato "para todos", que tivesse a possibilidade de fazer qualquer pessoa participar de todo seu potencial de divertimento, informação e emoção, conduziu à acessibilidade universal.

Além das soluções de praxe e normativas que permitem o acesso com conforto e sem constrangimento de qualquer pessoa com necessidades especiais aos espaços do museu, este foi dotado, principalmente, de condições para acesso ao acervo de pessoas com deficiência visual. Pensar isso para um acervo formado basicamente por imagens exigiu grande trabalho e empenho de especialistas em sintonia com a equipe responsável pela realização do museu. O texto que um locutor apresenta no audíofone sintonizado com a sinalização de piso que indica o local correspondente àquele tema, as miniaturas táteis dos elementos construídos e dos objetos do acervo, completados pelos textos impressos em braille, foram algumas das soluções encontradas.

São esses e outros detalhes que revelam o grande entrosamento e a consciência da responsabilidade do grupo de profissionais responsável pela execução do museu, desejo de tantos brasileiros amantes do futebol.